

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHTECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 6

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
Architectura monumental. Templos da Grecia (Conclusão) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA	Pag. 81
Segundo periodo da architectura da idade média. Architectura roman (Continuação) — pelo sr. J. P. N. DA SILVA	84
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Archeologia historica. — O Foral de Penella — pelo sr. RICARDO SIMÕES DOS REIS	88
Architectura Portugueza. Lisboa — (Tradução)	90
Explicação da estampa n.º 79 — pelo sr. J. DA SILVA	92
Archeologia prehistorica — Descobertas recentes de monumentos megalithicos na Russia Meridional — pelo sr. J. DA SILVA	93
Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA	94
Chronica	95
Noticiario	96

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA MONUMENTAL

Templos da Grecia

(Conclusão. Vid. n.º 5, pag. 70)

A situação dos templos era determinada conforme as divindades a que se consagravam: portanto collocaram o sanctuario de Mercurio no Forum; e os de Hercules no Gymnasio; de Marte, Venus e Vulcano junto das portas da cidade; o de Ceres nos campos; o de Esculapio sobre os logares altos e isolados: os de Jupiter, Juno e Minerva, sobre os pontos mais elevados da cidade. Os Dorios dirigiam as 4 faces do templo para as 4 plagas do mundo, de tal maneira que a entrada do edificio ficava virada para o occidente; porém os habitantes da Attica, pelo contrario, não obstante orientarem os seus edificios religiosos, voltavam a entrada para o lado opposto, o Nascente.

O templo tinha quasi sempre a fôrma de um quadrilongo, e distinguia-se pela disposição e numero das columnas que o ornavam, tendo nomes especiaes que designavam a respectiva fôrma.

Os grandes templos construam-se geralmente

sobre um terreno sagrado, circumscripto por uma divisão de parede com uma só entrada. Este peribolo, que, nos ultimos tempos da independencia grega, era decorado de porticos e columnatas, sendo o exemplo o mais completo e o mais magnifico de peribolos com porticos, existia em Palmyra, encerrava, além do principal templo, algumas vezes um bosque sagrado, uma fonte, grutas, capellas, thesouros, columnas em que se viam gravados os tratados de paz ou de alliança, estatuas e altares, assim como outros monumentos religiosos levantados por diversos povos. O recinto do templo de Esculapio em Epidauro, continha uma stade, e um theatro que era o edificio mais magnifico d'este genero que os Gregos construíram. Finalmente a entrada d'estes peribolos era algumas vezes annunciada, como a de Eleusis e a de Sunium, por grandes construcções chamadas propyleos. O principal altar estava collocado n'este espaço, em frente da entrada do Templo, ao fundo da escada, sobre um plano mais inferior que a estatua do deus. Adiante d'elle havia um espaço rodeado de uma balaustrada, onde se degolavam as victimas antes de as pôr sobre o altar.

Os templos, por causa do grande numero de objectos d'arte e de antiguidades que continham, podiam-se considerar como verdadeiros museus. A estatua principal do deus a quem o edificio era consagrado, estava collocada em frente da cella ou sanctuario sobre um pedestal; era algumas vezes um colosso com 14^m, 74 de alto, representando a divindade em ouro ou marfim. A parte onde estava o simulacro formava um logar sagrado, que era cercado por uma especie de balaustrada. Alem dos altares collocados da parte de fóra do templo, havia muitas vezes outras na cella, e sempre defronte da estatua do deus. Estes altares eram geralmente de fôrma quadrada, posto que tambem houvesse alguns cylindricos. No mesmo templo podia haver mais divindades, as quaes estavam dispostas á roda do simulacro principal. Alem das estatuas em marmore e em bronze, conservam-se antigos idolos de madeira colorida, outras vezes cobertos de ricos vestidos: a sua origem era motivada por algum acontecimento milagroso, e por isso reputada objecto de grande veneração.

Os principaes ornatos das cellas consistiam em grande numero de pinturas. Estes paineis eram de madeira, suspensos no sanctuario como offertas religiosas. Os retratos pintados sobre escudos formavam egualmente a decoração dos edificios publicos dos sanctuarios, sobretudo sendo votados pelas cidades aos cidadãos que haviam bemmerecido da patria: penduravam-se ás columnas, ou então se introduziam sobre o frizo do entablamento do edificio.

O templo grego, como se vê, não era sómente o sanctuario das artes e glorias nacionaes: os de Jupiter em Olympia e Apollo em Delphos causavam pelas suas dimensões, riqueza e magestoso aspecto, a maior admiração, e inspiravam um respeito maravilhoso. De todos esses monumentos magnificos, não existem hoje mais do que ruínas informes, de perystilos incompletos, frontões espedaçados, e despojados de suas bellas esculpturas, fragmentos mutilados enterrados no solo, e que parecem ter sido preservados de uma total destruição, unicamente para testemunhar ás nações modernas a perfeição que havia attingido a arte monumental grega, tendo decorrido mais de 2:000 annos!

Os mais importantes vestigios dos templos gregos dignos de estudo são: o Templo de Ullis, Thêseu, Minerva ou Parthênion, triplice templo de Pandrose, Erechtheon e Minerva; de Jupiter Olympico; de Victoria proximo dos propyleos de Athenas; de Nemesis; de Themis em Rhamnunte; de Jupiter em Argos; de Ceres e de Proserpina; de Diana Propylea em Eleusis; de Minerva em Sunium; de Apollo em Basso; de Jupiter em Neméa; de Jupiter em Ely; de Bacchus em Théos; de Juno, da Concordia e de Jupiter em Agrigente; de Juno em Samos; em Sé-

gesto; de Minerva em Syracusa; de Minerva em Triene; de Diana em Magnesia; de Apollo em Mileto, de Cybele em Sardes, etc.

Pôde-se formar uma ideia de qual seria o magestoso aspecto de um grande Templo Grego, pela restauração que se fez do magnifico templo de Jupiter que ornava a cidade de Egina, ilha situada no mar Egeo, entre a Argolida e a Attica no golfo Saronico. Dedicaram este templo ao rei dos deuses, por ter o filho da nympha Egina reinado n'esta ilha, em memoria de seu pae Jupiter.

A ilha Egina presentemente é um cadaver! Da antiga e opulenta cidade, apenas estão intactos, ou ainda em pé, um templo dedicado a Venus — um bello xadrez em mosaico — uma columna — e os vestigios de suas muralhas — Pois a guerra, essa peste devastadora, assignalou a sua passagem como costuma, com a destruição!

No cume da montanha mais elevada está edificado o templo de Jupiter, protector antigo d'esta ilha; porém só existem 23 columnas d'esse monumento. É todavia uma das mais bellas ruínas da Grecia, e occupa uma das mais magnificas situações do mundo. Egina apparece presentemente na base com as suas ruínas, seus novos edificios e jardins odoriferos. A plaga, como uma bordadura alvacenta, brilha e faz contraste agradável com o azul do mar. Ao Sul se contorna Hydra a victoriosa; segue-se Poros e os seus montes escavados; e no fundo, com formas indecisas, avistam-se o Parthenon, Athenas — Salamina — e o continente da Grecia: é um dos mais bellos panoramas do Universo.

Tinha sido povoada a ilha d'Egina pelos Hellenos da Thessalia e conquistada depois pelos Dorios. Os Athenienses apoderaram-se d'ella no seculo VII antes da era vulgar; tendo-se libertado d'esse jugo depois de finda a guerra do Peloponeso, em resultado da batalha naval de Egospotamos, ganha pelo Spartiata Lysandro. Os Eginistas passam por ter inventado o dinheiro, e trabalhavam no bronze com grande superioridade: eram egualmente muito habéis nos exercicios gymnasticos, em os quaes haviam alcançado um grande numero de triumphos nos jogos publicos da Grecia.

Mas para chegar a esse auge de perfeição, haviam os gregos feito antes conhecimento mais particular com os povos e os principes da Asia e do Egypto, facilitando-lhes um commercio mais activo com esses estrangeiros, o que lhes proporcionou adquirir immensas riquezas: além d'isto, o bom gosto innato n'esta nação para o bello nas artes liberaes estimulava os chefes dos Estados Gregos a levantarem monumentos de architectura dignos da realza: portanto edificavam esses templos espaçosos e palacios magnificos; e por este motivo a architectura e a estatuaria se desenvolveram pouco a pouco-

porém com bastante zelo, e este progressivo desenvolvimento foi um dos mais poderosos meios para constituir a nacionalidade grega, baseada sobre a religião e o amor á patria, tendo adoptado as duas Artes, tanto a Architectura, como a Esculptura, as ideias mythologicas determinadas pelos poetas e legisladores.

A existencia intellectual era alimentada então pela poesia épica: o genio creador d'esta nação tão poetica e tão intellectual, devia tornar muito visível a sua actividade incessante, e conquistar afinal o apogeu da Arte, dedicando todas as suas aptidões ao aperfeiçoamento da architectura. Em quanto não se conseguiu este resultado, a synthese e a epopeia da Arte ficaram incompletas. A espontaneidade do talento grego fez brotar repentinamente esse mais bello esplendor do seu diadema intellectual. Os altares e os monumentos mesquinhos consagrados ás personificações multiplices das faculdades da divindade, foram substituidas por templos espaçosos, onde as almas piedosas e as intelligencias superiores e reconhecidas podiam dirigir as suas orações, e dar acções de graça, longe da multidão e do borburinho da vida civil. A architectura, havendo fundado grandes templos, fundou tambem os grandes centros da soberania da oração.

O que favoreceu em grande parte o desenvolvimento da intelligencia dos gregos, foi não existir no seu paiz uma casta separada dos sacerdotes; e assim as sciencias e as artes não eram o dominio exclusivo nem o monopolio de um corpo especial.

Todos estes factos contribuíram para desenvolver os principios e os elementos d'essa harmonia, com que se formou a arte de construir, applicando-a ás leis do bello: por esse motivo, a architectura se emancipou da apparencia servil, grave e achatada, que teve sob a influencia do Dorio victorioso: os Jonicos vieram-lhe dar, com a magestade Dorica, a esplendida elegancia transparente da belleza, que nos testemunham os monumentos d'essa epocha.

Durante este periodo, a architectura hieratica, coadjuvada pelos esforços mais louvaveis, e mais auspiciosos dos particulares, assim como dos Estados gregos, fez apparecer monumentos, que não teem nunca sido equalados, e muito menos inventados outros superiores em elegancia, belleza e encanto. Os dous estylos Dorico e Jonico, cada um no seu character, e na sua propria applicação, foram desenvolvidos e aperfeiçoados, o primeiro de uma maneira nobre, soberba e magestosa; o segundo brilhantemente, com uma graciosa delicadeza, com um tacto e uma superioridade de gosto nunca excedido depois.

Em todos os logares da Grecia, mesmo no Peloponeso, na Asia Menor, na Grande Grecia, em

Italia, na Sicilia, em todas as colonias gregas, vastissimos monumentos foram levantados, interessantes para a historia da Arte, e dos quaes, felizmente, o tempo nos conservou as ruinas assaz consideraveis para podermos reconstruil-as em grande parte; e n'alguns tẽem desaparecido do solo; os restos que subsistem confrontados com os edificios que lhe são contemporaneos, e o auxiliõ dos textos de auctores antigos, são sufficientes para apreciarmos como elles teriam sido no seu estado completo.

Posto que da geometria sejam derivadas as formas e as subdivisões das partes de que se compõe a Architectura; ainda que esta sciencia viesse auxiliar o artista para exprimir o seu pensamento; vêmos n'isto ainda as leis da natureza que lhe vem prestar o seu concurso. Só ellas seriam susceptíveis de dar magestade e uma verdadeira significação ás formas de construcção architectonicas; só ellas poderiam introduzir a poesia na Arte de edificar. As leis da natureza foram indicadas n'essas formas, onde cada objecto recebia o cunho, que estritamente precisava ter, guardando sempre a maior harmonia com o todo e as mais partes componentes.

As mathematicas por si só não podem produzir um bello monumento d'Arte, nem um magnifico monumento d'Architectura; é preciso possuir tambem uma imaginação creadora, ter uma inspiração brilhante, variada e fecunda, haver profundado os principios fundamentaes da Arte; só d'esta maneira se poderá realçar e dar attractivo á combinação; pois sem o auxilio da scintilha fecunda, que allumia e inflamma a intelligencia do Artista iniciado em todos os preceitos da Architectura, não lhe seria dado realisar convenientemente essas produções architectonicas; em quanto a sciencia só entregue ás suas transcendentis apreciações fará tentativas artisticas sempre glaciaes, e sem significação nenhuma monumental.

Esta verdade é bem evidente na Architectura grega, pois se não fosse inspirada pela intelligencia que lhe deu as proporções das suas Ordens; se não fosse o apurado gosto que presidiu á judiciosa relação que fez obter essa perfeita harmonia, que tanto distingue a Arte Grega, sendo ella aformoseada pela graça dos profis, pela fórmula agradável dada ás suas molduras, pelo talento elevado na delineação dos seus monumentos; se não tivesse reunidos todos estes elementos, que constituem a sua verdadeira superioridade sobre as outras architecturas conhecidas; então no mundo teria ficado muda a fama sobre a arte monumental da Grecia.

Não basta ter sómente bom gosto, é preciso ter o architecto um sentimento elevado da Arte. Essas lindas côres com que os Gregos pintaram os seus templos, foram um objecto de grande admiração na antiguidade, e uma causa de regosijo para um povo

inteiro, essa privilegiada nação, que foi tão diversamente a mais eximia em bellas-artes: é portanto a Arte Monumental Grega aquella que deve ser mais estudada, e que deverá servir para nos inspirar novas produções que possam satisfazer aos nossos usos e costumes modernos; é a que tem a mais bem entendida proporção, a mais elegante combinação, a que reúne a belleza das formas á harmonia das linhas, não só para crear uma architectura digna da nossa illustração, como para regenerar o gosto do publico nas Artes liberaes, contribuindo para realce da nação, credito dos artistas modernos, e fama da nossa época.

A Architectura Romana, essa grandiosa Architectura que invadiu todos os paizes da antiguidade, será aquella de que no seguinte numero d'este Bole-tim principiaremos a demonstrar qual foi o caracter monumental; sendo as differenças provenientes de suas formas o que constitue o caracter do engenho e do gosto do povo que a designou pelo seu proprio nome: portanto indicaremos da Architectura Romana qual a variedade que apresenta nas diversas épocas do Imperio em que a sua Arte Monumental mais se desenvolveu; assim como nos fará conhecer, que, na sua origem, nenhum povo o igualou em fazer obras tão importantes de utilidade publica: veremos tambem que foi este mesmo povo rei, que construiu novos monumentos, que nunca os gregos possuiram, havendo se servido dos bellos marmores da Africa e da Asia, aproveitando-se dos obeliscos do Egypto, e estabelecendo a sua collossal escola de Bellas Artes na propria Grecia captiva. A Architectura Romana podia pois elevar-se, e se elevou effectivamente a um esplendor onde nenhum outro povo tinha ainda conseguido nas Bellas Artes, e será muito provavel que nunca outro possa conseguir, mesmo na prolongada duração das escolas futuras, igualar a sua magestosa representação, como igualmente as mais magnificas ruínas pertencentes aos seus admiraveis monumentos comprovam terem a superioridade que se observa nos que pertenceram aos Romanos.

J. P. N. DA SILVA.

SEGUNDO PERIODO DA ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

ARCHITECTURA ROMAN

(Continuado do n.º 5, pag. 75)

No tempo em que a architectura Roman acabava de erguer as suas mais importantes construcções; no momento de ter alcançado libertar-se das perplexidades da sua estreia, parecendo que faria rapidos progressos; uma agitação extraordinaria se havia apoderado dos espiritos, e motivou uma re-

novação na arte de edificar. No principio do XII se-culo, toda a organização social estava posta em duvida; parecia que os poderes publicos iam transformar-se. No mesmo tempo que as municipalidades se constituem, os conhecimentos humanos transpõem as barreiras dos claustros, os quaes haviam protegido as lettras durante os longos seculos de barbaria; então se derramam extraordinariamente as luzes e se dispõem a desprezar o jugo das tradições austéras. A philosophia exalta-se, e se ergue resoluta em frente da theologia; a doutrina escolar se constitue, e preocupa extraordinariamente todos os espiritos; uma litteratura accessivel ao vulgo se cria junto da litteratura dos eruditos; emfim a architectura procura timidamente no principio, e inaugura pouco depois formas das quaes não havia precedente. É no norte da França, que as imaginações se lançam com maior ardor em uma nova senda, é ali que a architectura, esta grande expressão da existencia social, se renova.

Deixa então de ser dirigida a arte pelos ecclesiasticos, como havia acontecido nos seculos antecedentes. Era pois aos seculares que este cuidado competia, tendo achado apoio, não sómente nas novas tendencias, mas ainda no poder episcopal que a protege, como tambem a auctoridade real a favorece, assim como a nova organização dos municipios. A feudalidade é o inimigo commum; o povo, que tem o instincto dos seus interesses, toma grande parte na luta que se vae empenhar ao mesmo tempo contra a feudalidade monachal e contra a da nobreza. Os bispos querem provas visiveis do seu poder, querendo magestosas as cathedraes, pois tendo sido modestos os seus edificios até então, exigem que possam prevalecer sobre as mais sumptuosas abbasias, e os povos conformam-se a este convite, com fervor prodigioso, e um verdadeiro entusiasmo. Os meios não faltam; todos os esforços parecem dirigir-se para o mesmo fim. A construcção de grandiosas cathedraes vem a ser a principal preocupação da época, e vê-se levantar, em todas as dioceses, edificios de uma extensão, de uma importancia desconhecida desde muitos seculos. Os mais magnificos monumentos religiosos pertencem ao meado de XII seculo e aos primeiros annos do seculo seguinte. Estas grandes fabricas são entregues á direcção de architectos seculares; deixando a antiga architectura para se construir as abbasias pelos ecclesiasticos, inaugurando-se desde logo a nova arte d'uma maneira a mais esplendida.

A intelligencia que preside a esta renovação d'arte, é a que se nota na mesma época em todos os ramos dos conhecimentos humanos. É um pensamento investigador, ancioso de descobertas,

subtil no maior grau, cheio de arrojo; porém, occupando-se mais dos detalhes do que do conjuncto, limitando a sua ambição a consolidar sobre novas bases, a encobrir com novas fórmulas, aquillo que havia sancionado pelos seculos anteriores.

A disposição d'uma cathedral, por maior que ella fosse, era a imitação d'uma basilica, tal qual havia sido comprehendida na época precedente.

Compunha-se d'uma extensa nave de largura assás restringida e de grande altura, que acompanham as naves lateraes; quasi sempre ha um cruzeiro, marcando a fórmula da cruz: tendo uma capella mór, mais ou menos desenvolvida; com uma galeria alta, por cima das naves lateraes, ou pelo menos um *triforium*; abobadas de barrete, sobre plano quadrado, para cobrir os lados, e o mesmo feitiço d'estas abobadas para a nave principal, porém sobre um quadrado-longo; janellas dando luz á nave pela parte superior; columnas delgadas em volta, com pilares, erguendo-se desde o nível do solo até ao nascimento das abobadas; todas estas fórmulas se encontram nos novos monumentos d'este periodo. Tudo que era fundamental na construcção do edificio foi respeitado; limitando-se sobre este ponto a dar-lhe mais desenvolvimento e evidencia na sua representação. Mas as fórmulas accessorias não são mais as mesmas, sendo concebidas com um outro pensamento: fica o caracter completamente mudado. Se são restringidas no seu alcance, todavia as innovações são numerosas, radicaes, reflectidas e patenteam uma admiravel virtualidade. Aparecem indicadas sobre todas as cousas; sobre os arcos, sobre as columnas, capiteis e profis, assim como sobre as janellas, sobre os ornamentos e esculpturas. E' impossivel que em nenhuma outra época se tivesse feito tanto e tão rapidamente creado novas produções d'arte. Não se encontram aqui nenhum d'esses combates interiores que haviam produzido até então as revoluções d'esta ordem. Nem a fundação de um novo imperio apparece sem infusão de sangue novo na geração, a explicar aqui esse phenomeno; pois esta renovação foi toda espontanea e geral.

Consolidar as abobadas desde o principio do ix seculo, tinha sido a maior preocupação dos architectos da idade media, e repetidas experiencias frustradas haviam demonstrado as difficuldades do intento, e os vicios das disposições adoptadas.

Procurava-se sair d'este apuro. Entre o numero dos ensaios tentados, resultou a substituição da semicircumferencia do circulo pela ogiva, como directriz do intradoz. A nova curva tinha (comparativamente á antiga), a dupla vantagem, sob o ponto de vista da estabilidade, de não exigir tanta perfeição no corte das peças da abobada para se

suster no seu logar, e de não determinar um esforço horizontal tão *consideravel*. Porém limitaram a sua applicação ao que era rigorosamente necessario e apenas a indicavam; parecia temerem de a deixar patente. Esta timidez não foi seguida pelos novos architectos. A fórmula era racional: portanto põem-na ostensivamente em evidencia, traçando-a com franqueza; e por este modo apparece em seguida esta fórmula exclusiva. Todas as abobadas, sejam quaes forem as aberturas, todos os arcos, sejam grandes ou pequenos, são traçados em ogiva aguda.

As abobadas, posto que diminuindo por estas acertadas disposições, podiam não ficar sufficientemente estaveis nos pontos de apoio, que separa a nave principal das naves lateraes; pontos de apoio dos quaes se procuravam então reduzir tanto quanto fosse possivel as dimensões horisontaes: oppondo-se á sua acção por meio de *arcos-botantes*, já não tão massivos como no xi seculo; ou ficando dissimulados como no x seculo; porém projectando os com arrojo na parte externa, e applicando-os tão elevados quanto convinha, para serem efficazes. E' verdade que podia occasionar o resvalar, ou derribar a parte superior dos contrafortes sobre que se estribavam. Preveniram este effeito mudando esses contra-fortes por corchêos mais ou menos desenvolvidos. Aqui tambem, aquillo que era racional foi adoptado sem se hesitar; mas não hesitando, se os precedentes assim o auctorisavam, uma unica cousa preocupava: qual era a fórmula que convinha melhor; pondo pois de parte sem escrupulo as tradições seguidas.

Os arcos-botantes não teem sómente por effeito darem estabilidade ás abobadas; facilitam tambem descer os peitoris das janellas abaixo do nascimento d'essas abobadas, e permitem por este meio mais luz no interior dos monumentos, cousa que antes não era possivel fazer-se. Por isso as antigas egrejas eram sombrias; e muito principalmente nas cidades do norte: porém as construidas pelo novo systema poderam ter bastante claridade.

Ao mesmo tempo, as galerias superiores, que tinham sido inventadas mais depressa pela necessidade de elevar á altura conveniente a parte da abobada formando arco-botante que as cobria, do que pela razão de offerecerem maior espaço para utilidade, foram abandonadas; sendo substituidas por essas galerias baixas e estreitas, ás quaes deram o nome de *triforium*, e que haviam já sido introduzidas na pratica da architectura Romã.

A nova arte não se affasta com menos evidencia da precedente pelas suas proporções e formas decorativas.

As proporções vem a ser mais esbeltas. As naves são mais elevadas, as frestas mais ouzadas; as empenas mais agudas do que as que se tinham cons-

truido antes. Ao mesmo tempo que a altura das columnas augmenta, o seu diametro diminue, e os mais volumosos pilares ficam disfarçados por columnas delgadas e enfeixadas.

Os capiteis cubicos, os capiteis enfeitados, os capiteis que ornã as folhagens byzantinas ficam desprezados, não estando já em harmonia com a disposição das novas columnas. Aquelles que são mais abertos, rodeando-se de folhas enroladas em volutas, ou, mais depressa, em cogulos na parte superior, serviam-se da flora da localidade em que se fazia a construcção. Da mesma maneira são as folhagens que armam as cornijas ou cobrem as inclinações das empenas.

A ornamentação toma mais importancia que durante o periodo da arte Romã, a qual se introduz em toda a parte. Nada parece que não seja proprio á decoracção, e nenhuma superficie deixam ficar liza. Molduras acompanham os artezões das abobadas; folhagens vestem as arestas dos corochãos e dos pinaculos; delicadas arcaduras cobrem as paredes, as gargolhas transformam-se em animaes fantasticos. Os portaes adquirem grandes desenvolvimentos, e são da maior magnificencia.

Durante um certo tempo as novas formas se experimentam, e as antigas resistem; a ogiva se associa á volta inteira; ao lado de ornamentos archaicos, apparecem outros que saem completamente das tradições; as proporções não têm ainda a temeridade que mostraram mais tarde. O estylo d'esta época é que foi devidamente chamado o — *estylo de transição*.

Durou mais tempo em França que em nenhuma outra parte, porque ali era o ponto de partida, o foco da elaboracção, e ali deixam numerosos monumentos, e importantes edificios. Póde-se marcar a segunda metade do xii seculo este periodo de luta ou de hesitação. Desde o começo do seculo seguinte, a nova arte, a arte ogival, ficou completamente constituida.

Se alguns ecclesiasticos deliniam ainda alguns projectos de architectura Romã no silencio de suas cellas, elles não teem acceitação além do seu mosteiro, e as suas lamentações são infructuosas. Não ha mais vestigios da volta inteira, nem ornamentos byzantinos desde os primeiros annos do xiii seculo.

O mais completo monumento d'architectura da época de transição é sem duvida a antiga cathedral de Noyon em França. Compõe-se esta igreja de tres naves, de dois cruzeiros, como a cathedral de Worms na Allemanha. As frentes septentrional e meridional d'esta cathedral são circulares; tem uma capella mór circular, em roda da qual radiam cinco capellas igualmente circulares. Sobre cada uma das frentes orientaes dos cruzeiros, existe um portal. Do lado do oeste entra-se na igreja por

tres portas precedidas de um adro. O portal está flanqueado por duas torres collossaes, de aspecto veneravel e solido. Por cima de duas escadarias que flanqueiam a capella-mór no lado do occidente, e tocam o lado oriental dos cruzeiros, se erguem duas torres que não se chegaram a concluir. Quatro escadas commodas, claras e espaçosas, conduzem ao magnifico triforium, ou tribunas do primeiro andar, cujas aberturas sobre a nave principal se compõem d'uma grande arcada, a ogiva dividida por uma columna que sustem um lado de duas outras ogivas. A nave é formada de pilares quadrados flanqueados de delgadas columnas, e columnas isoladas sustentando arcos de ogiva. As columnas da capella-mór, que em numero de doze se elevam por cima dos capiteis de cada columna do rez-do-chão, e se elevam até ao nascimento da abobada, tem 7 braçadeiras. As columnas das cinco capellas da abside tem igualmente uma faixa. As 6 capellas lateraes, ao norte da nave, são do xiii seculo.

O fundo da capella-mór de N. S. Noyon e inclina para a direita; pois em se prolongando o eixo da capella-mór, occidente até ao grande portal central da nave, este eixo chega á esquerda d'aquelle tirado da porta principal a uma distancia de quasi um metro, 0,^m92.

O comprimento na parte interna d'este monumento é de 91,^m33. A largura da nave, de centro a centro das columnas isoladas é de 10,^m23, a largura das naves lateraes é de 4,^m76: a largura total da igreja é de 19,^m76: o comprimento total do edificio, comprehendendo o portal, é de 103,^m11. A altura debaixo das abobadas é de 22,^m73.

A ornamentação é rara n'esta igreja, apparece unicamente nos capiteis e em algumas misulas da capella-mór. Todos os capiteis do xii seculo são compostos de folhagens formadas de plantas exoticas. A maior variedade se encontra nos capiteis d'esta cathedral; unicamente os das columnas juntas aos pilares da nave principal se repetem; todas mostram essa folha larga de cogulhos revirados nos angulos, estylo ainda em uso no xiii seculo.

N'este monumento religioso é talvez onde a ogiva se acha misturada a volta inteira de uma maneira a mais patente e a mais extraordinaria. Vê-se nas arcadas do rez do chão da nave, depois no triforium; por cima d'este ultimo gira uma elegante pequena galeria com arcos de volta inteira. No andar em questão as grandes janellas abertas na parte superior da parede coroando as arcadas da nave, o triforium e a pequena galeria, está formada de abertura, com o arco de volta inteira. Cada espaço de que se compõe a igreja contém duas janellas geminadas, cercadas igualmente d'uma volta inteira. Na

parte externa, do lado occidental não apresenta nenhuma ogiva: esta apparece no exterior da capella-mór e dos cruzeiros unicamente. Eis aqui como se apresenta o periodo de transição, não devendo esquecer a influencia que tiveram os monumentos romanos, nos paizes onde elles existiram; foi grande causa para influir nas concepções dos architectos no primeiro seculo da idade media; o mesmo aconteceu para a época de *transição*, e varios exemplos que se encontram nas egrejas d'esse periodo, comprovam que os artistas da idade media não eram indifferentes ás bellezas dos monumentos antigos, e que, se modificavam em alguma cousa a architectura que tinham patente, foi para apropriar á destinação dos seus edificios; como por exemplo, pôr estrias nas pilastras, etc.

As torres pertencentes á época de transição não differem d'aquellas do seculo precedente emquanto ás suas disposições geraes. São caracterizadas sobretudo pela presença da ogiva e da volta inteira nas ventanas das torres. As arcadas trilobares são tambem muito empregadas n'esta época. Os corochãos postos na base das frechas, são mais elegantes, mais elevados, feitos com mais leveza do que os do seculo precedente, apresentando pequenas arcadas rendilhadas e com molduras ornadas de folhas de fetos. Os estudos sobre os edificios religiosos d'este periodo são muito interessantes, pois que se observa não só a fuzão do estylo romã e do estylo ogival, mas reconhece-se a origem e o desenvolvimento progressivo d'este ultimo estylo.

Não posso deixar no esquecimento uma cathedral de grande importancia para o estudo queprehendemos, que vem a ser o notavel monumento da cidade de Bonn, nos Estados Prussianos a 25 kilometros de Colonia: a sua cathedral, chamada tambem *Munster*, merece toda a attenção do architecto e do architecto.

Attribue-se geralmente a primeira fundação, assim como a de muitas outras, á imperatriz Helena, e uma tradição diz que a mãe de Constantino a tinha consagrado, no anno de 119 á memoria dos Santos Cassio e Florencio, chefes da legião thebana, essa heroica coorte de christãos que se deixaram antes exterminar, do que adorar os falsos deuses: existindo ainda d'essa remota fundação a capella subterranea á capella-mór. Não obstante faltarem documentos positivos sobre a época em que foi levantado o edificio actual; todavia, reconhece-se, em certas partes e sobre tudo na parte meridional da capella-mór, alguns vestigios da primitiva construção. A abside oriental, assim como as duas torres que a acompanham, parecem pertencer ao fim do xi seculo, ou ao principio do xii. Pôde-se ainda attribuir quasi á mesma época as duas absides

polygonaes e toda a nave principal até á segunda galeria, por cima da qual mostra um outro estylo.

A cathedral de Bonn apresenta uma disposição particular da qual se encontram mui poucas analogas fora da Allemanha, mas particularmente sobre as margens do Rheno; além disso, essas egrejas differem muito, posto que possuam egualmente *tres absides* semi-circulares, porém nenhuma d'ellas apresenta o comprimento desmarcado da capella-mór, e o espaço vazio que existe entre as absides e as duas torres d'Este, singularidade que fórma o caracter distinctivo d'este monumento, não sendo possivel interpretar-o, só querendo suppôr que seja um signal de fundação ecclesiastica, caracterizada pela dupla cruz archiepiscopal reproduzida no plano, bem como a intenção escrupulosa dos ultimos fundadores d'esta egreja, para conservar religiosamente á capella-mór a sua primitiva fórma restringida talvez, na origem, a esta só parte, assim como se acham exemplos entre as construções as mais antigas dos monumentos christãos, contentando-se unicamente depois em augmentar successivamente as absides, as torres e as naves. Seja como fôr, o plano geometral representa primeiramente a figura de parallelogrammo sobre comprido, dividido em tres porções desiguaes, formando as naves, e, na parte oriental, um appendice comprehendendo a capella-mór e absides, que acompanham duas torres quadradas; depois, na extremidade das naves no sitio onde as linhas, vindo a cortar-se transversalmente, reproduzem a fórma da cruz, symbolo venerado dos christãos, notam-se dois outros appendices polygonaes, dando a configuração ás absides accessorias do lado do Norte e do lado do Sul: a figura octogonal, ao centro do edificio, indica o lugar da maior torre; finalmente, duas pequenas torres cylindricas flanqueam, á direita e á esquerda, a fachada occidental do templo.

Poucos monumentos têm a sua configuração externa indicada de uma maneira mais magestosa e mais severa que o *Munster* de Bonn; e por isso se explica o entusiasmo continuo dos archeologos ao verem o seu aspecto. Essas linhas, tão simples, as combinações variadas de arcadas sobre arcadas, esta reunião de torres que projectam nos ares as suas frechas elegantes e esguias, parecendo levar a humilde oração do christão até ao throno do Ente Supremo; essa torre de tanto arrojo que corôa e domina tão magestosamente os edificios, tudo concorre para fazer da egreja dos Santos Cassio e Florencio um monumento curioso e unico, digno da admiração geral e preferido pelos artistas para as suas scientificas investigações.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

ARCHEOLOGIA HISTORICA

O Foral de Penella

Summario. — Alexandre Herculano e suas principaes obras — Fr. Bernardo de Brito, D. Antonio C. de Sousa e J. P. Ribeiro — Motivo que levou A. H. a parar no proseguimento dos seus trabalhos historicos — Terras portuguezas que primeiro receberam foral — Errada opinião de Herculano e de outros sobre este assumpto, e restabelecimento da verdade historica pelo exame e confrontação diplomatica — Pelo mesmo processo se esclarecem outros pontos historicos, no texto e notas illustrativas.

Alexandre Herculano, o prodigioso historiador, o homem de mais incontestada e incontestavel probidade litteraria, que até hoje, entre nós, tem maneado uma penna, antes de se abalançar a escrever os seus quatro volumes da *Historia de Portugal*, levou annos na improba tarefa de colligir documentos authenticos da nossa vida politica, civil, ecclesiastica e administrativa; e esse vastissimo repositorio de noticias historico-archeologicas, respeitantes a Portugal, quer antes quer depois de definitivamente emancipado da corôa de Leão e Castella; esse thesouro preciosissimo, accumulado á custa de improbas e fadigasas investigações por alguns dos membros mais conspicuos e eruditos da Academia Real das Sciencias, cuja alma e oraculo elle era então; essa mina de riquezas, dispersas ou perdidas ainda pelos archivos e cartorios do reino, depois publicada por ordem d'aquella benemeritissima sociedade, sob o titulo de *Portugaliae Monumenta Historica*, é o segurissimo pedestal sobre que assenta o eterno bronze, em que elle burilou com mão de mestre os fastos portuguezes, desde o doce alvorecer da esperança de independencia no rude peito do nobre conde, Henrique de Borgonha, até ao fim do reinado de D. Affonso, o Bolonhez.

Quem hoje quizer escrever conscienciosamente, sem fazer copia quasi servil da narrativa de Herculano, a historia de Portugal, no seu longo periodo de elaboração autonómica, cujo inicio, embora inconsciente, poderia talvez remontar-se á investidura do consul, alvazil ou conde D. Sisnando no governo do territorio colimbiense, em 1064, por Fernando Magno, terminando emfim, não no Campo de Ourique, em 1139, sellada com o sangue dos pèrros mussulmanos, mas na conferencia de Samora, em 1143, onde D. Affonso VII desistiu solemne e definitivamente, na presença do legado pontificio Guido de Vico, d'esta pequena parcella da sua vasta monarchia nas mãos do ambicioso filho de D. Thereza de Leão; quem hoje quizer, dizemos, sem recalcar as pégadas do gigante, caminhar com passo firme e seguro n'este primeiro periodo de vida, tão nebu-

loso e revólto, do novo organismo politico, ha de por força compulsar, dia e noite, as paginas d'aquelles tres grandes *in folio*, *Portugaliae Monumenta Historica*, trabalho assombroso de paciencia e de critica.

Não foi Herculano — já o dissemos e é de justiça dizel o — o unico operario, cujo nome ficou vinculado a este glorioso monumento; mas foi elle o architecto e tambem o trabalhador mais assiduo e indefesso, a ponto de ficarem quasi na sombra os seus collaboradores.

Fr. Bernardo de Brito, com os quatro continuadores da *Monarchia Lusitana*, e D. Antonio Caetano de Sousa, na sua *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa* e *Provas da Historia Genealogica*, tinham, é verdade, accumulado materiaes immensos; e o ultimo, principalmente, dá-nos bem a medida do muito que pode a vontade do homem, quando movida pelo sancto amor de bem servir a sua patria. O illustre e paciente theatino, avergado ao peso de 85 annos, cansado de viver, que não de trabalhar, desceu emfim ao tumulo, deixando publicados vinte e tres grandes volumes de trabalhos historicos, afóra muitas outras obras manuscriptas e imperfeitas, encorporadas depois na *Collecção dos Documentos e Memorias da Academia Real de Historia*. Foi uma vida util a d'este illustre monge; pôde dizer-se que, desde que soube pegar n'uma penna, não recostou a cabeça para descansar, sem primeiro haver escripto uma pagina proveitosa para a historia do seu paiz.

Estavam, pois, reunidos muitos e valiosissimos materiaes, mas havia ainda muito que fazer; ainda pelos archivos do reino havia muito que respigar, e sobretudo faltava extremar o oiro de lei do oiro-pel, que tantos incautos tinha enganado.

Foi o erudito João Pedro Ribeiro, o verdadeiro fundador da *Diplomatica*, em Portugal, quem, antes de Herculano, mais pericia mostrou n'esta tão necessaria como difficil tarefa. Os 80 annos do sabio author das *Dissertações Chronologicas* não foram menos uteis que os 85 do author da *Historia Genealogica*.

Vem depois Alexandre Herculano, e, lançando mão dos elementos amontoados durante seculos, e juntando-lhes outros, ainda escondidos debaixo do pó dos archivos, prosegue a obra interrompida de João Pedro Ribeiro; illumina com os raios da sua erudição e da sua finissima critica o verdadeiro cahos, em que, não obstante a muita luz que já se havia feito, permanecia ainda a historia geral dos primeiros seculos da monarchia; reúne todos os autographos ainda existentes, e todos os apographos,

de provada veracidade historica ; confronta uns com outros todos estes quasi innumeraveis documentos ; classifica-os pela sua natureza ; alinha-os chronologicamente ; destroe erros, que até alli passavam por dogmas ; aponta as circumstancias dos factos, a causa que os originou, o alcance politico, social ou economico de cada um ; e, feito isto, que já de si é um trabalho herculeo, que só poderá avaliar quem não fôr de todo estranho a este genero de labôres e tiver perecorrido, no silencio do seu gabinete, todos os filões d'aquella mina abundante de preciosidades historico-archeologicas, que mais tarde veio a lume com o nome de *Portugaliae Monumenta Historica*, lança emfim, com mão firme e consciencia segura, os primeiros traços da sua primorosa *Historia de Portugal*.

Latejam n'esta obra monumental as fontes de Minerva ; palpita o coração da patria ; convence a voz da razão ; falla a justiça, desassombrada, dos homens e dos acontecimentos ; a palavra reflectida, a phrase cheia, o periodo arredondado, o discurso connexo, de rigorosa deducção logica, o estylo chão, mas vigoroso, austêro, espelhando o caracter do escriptor, tudo, finalmente, parece feito pensadamente para a eternidade.

Com effeito, ainda ninguem, entre nós, se preparou com tão fina e preciosa bagagem, trabalho de longas vigílias, purificado pelos raios do espirito, para emprehender larga viagem pelas regiões da historia patria. Não vae n'esta asserção a mais leve offensa para os que, depois d'elle, ganharam na mesma arêna as suas espôras d'ouro ; em tudo ha primazias.

Infelizmente para Portugal e tambem — porque não hemos de dizel-o ? — para a sua memoria, que de todos nós teria ainda mais bençãos do que tem e realmente merece ter, o eminente historiador parou abruptamente, com espanto e pesar de todos, na marcha triumphante que ia seguindo, para se deter a terçar lanças com os fanaticos das velhas lendas monasticas, que das enruzilhadas o assaltavam.

Aquelle espirito lucido, sereno e recto, não foi, por desgraça, de todo isento de orgulho, que, embora legitimo, quando nascido de merecimentos reaes, é sempre infiel conselheiro ; por isso, em vez de seguir ávante com o seguro da sua consciencia, de olhos fitos na justiça do futuro, deixou-se arrastar por tão funesta paixão, e, n'um azedume sempre crescente, veio a desfechar no virulentissimo pamphlêto — *Eu e o Clero* — que, sendo uma das provas mais evidentes da pujança do seu talento, do vigôr athletico do seu pulso de polemista, do seu estylo diamantino e fulminante, é tambem mais um triste e lamentavel exemplo de que ainda as maiores summidades scientificas, lit-

terarias, artisticas, todas, n'uma palavra, estão sujeitas a fraquezas. O impavido destruidor de idolos ridiculos, por seculos venerados no templo da historia patria, chegou a recear da justiça dos vindouros ; e nos esforços que empregou para segural-a, deixou cegar-se a ponto de tambem ser injusto. É esta a verdade, embora custe dizel-a.

Os volumes II e III da *Historia de Portugal* vieram a luz no meio d'esta lucta lamentavel ; o IV, talvez o mais importante de todos, e com certeza o mais trabalhoso, é nosso parecer que não chegaria a publicar-se, se não estivesse concluido ou quasi concluido, quando estrondeou aos pés do Eminentissimo Cardeal Patriarcha o famoso opusculo — *Eu e o Clero*.

A penna do historiador trocára-se pelo gladio do lidador ; se ainda depois a empunhou para escrever os tres volumes — *Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal* — foi para mostrar aos seus adversarios que elle sabia muito bem escolher as armas e o campo de combate, conforme o inimigo que se atrevia a affrontal-o. Se elle tivesse levado a cabo a grandiosa empreza a que mettêra hombros, sem dar demasiada importancia ás criticas, mais ou menos apaixonadas dos contemporaneos, Portugal poderia hoje orgulhar-se de possuir um corpo completo de historia patria, escripto com inexcédível competencia e probidade, que faria inveja ainda ás nações mais adeantadas, e que poderia servir de lição e exemplo a todos os que amam este genero de estudos, e se deleitam em desenhar á penna, para a transmittir ao futuro, a physionomia do passado. É este o juizo de todos os homens imparciaes, em vista dos admiraveis trabalhos, que nos legou a penna vigorosa de Alexandre Herculano.

Quer isto dizer que podemos jurar sempre nas suas palavras, que podemos acceitar, sem discussão, todos os factos da sua narrativa, com todos os juizos que sobre elles assenta, com todos os corollarios que d'elles faz derivar ? Não.

A razão de um homem, por mais sã que se nos revê, por mais esclarecida que se nos manifeste, por mais alto que se libre nas regiões incommensuraveis do seu dominio, não pode formular evangelhos, que se imponham á razão d'outro homem. A maior offensa que poderia fazer-se á memoria veneranda do mestre de todos os que hoje lidamos na investigação das coisas, dos homens e dos acontecimentos dos tempos idos, seria attribuir-lhe a vaidosa pretensão de dominar despoticamente as intelligencias ; porque a verdade é, que o grande lidador nunca rompeu, de viseira cahida e coração iroso, senão contra a ignorancia audaciosa, o fanatismo embrutecedor e a má fé comprovada. Só n'estes recontros desgraçados a espada da justiça

se lhe converteu nas mãos em gladio de vinganças.

Não é, pois, menoscar a gloria do preeminente historiador recusar fé a alguns de seus assêrtos.

Essa gloria indisputavel não está, nem podia estar, na absoluta exactidão de toda a sua narrativa, na indefectibilidade de todos os seus juizos; está, principalmente, em ter ensinado praticamente aos portuguezes como, no seculo dezanove, se escreve a historia, deixando-lhes por modêlo os quatro volumes da sua *Historia de Portugal*.

Seja-nos, pois, licito a nós, obscuro mineiro, que, de coração alegre, as poucas horas, que nos sobram de fadigas e inadiaveis occupaões, as consagramos a excavar nas sombras do passado, esclarecer um ponto historico, que se nos afigura de alguma importancia, e que o abalisado historiador deixou no escuro, como deixou outros, que futuras e mais felizes indagaões poderão vir tambem a pôr em plena luz.

(Continúa).

O socio effectivo

RICARDO SIMÕES DOS REIS.

No jornal *The American and Building News*, que se publica em New-York, appareceu um artigo do nosso insigne confrade Mr. C. H. Blackall, acerca da architectura portugueza, analysando a celebre construcção do monumento de Belem, que pelas suas judiciosas observaões e competencia artistica merece toda a consideração, e por ser de grande valor architectonico para se avaliar a nossa arte nacional, a qual fez época em Portugal em 1500, tratando tambem de outras construcções notaveis do reino.

A maneira lisongeira como se expressa a respeito de Lisboa, torna igualmente interessante este artigo; e nós lhe ficamos muito penhorados e agradecidos, pela amabilidade d'este nosso confrade em ter dedicado a sua instructiva publicação á nossa humilde pessoa.

Em seguida reproduzimos uma traducção do artigo.

J. DA SILVA.

ARCHITECTURA PORTUGUEZA

Lisboa

Por qualquer motivo, Portugal parece ser pouco visitado por artistas e ainda menos por architectos.

Não é facil explicar qual a razão d'isto; porque o paiz é de muito facil accesso, tanto por mar, em que a viagem a partir d'Inglaterra não dura mais de dois ou tres dias, como em caminho de ferro para as pessoas que ao mesmo tempo queiram passar por Hespanha. Portugal offerece na realidade

muitas attracções, tanto aos individuos interessados em qualquer arte, como aos simples touristes que unicamente viajam, procurando novas sensações e passar tempos agradaveis.

Gosa-se um clima que é uma continua primavera durante todo o anno; tem uma situação que difficil será encontrar igual no mundo; boas conducções para todas as direcções; bons hotéis e variedade de divertimentos; d'este modo, não é pois para admirar que quem visita Lisboa fique encantado e maravilhado de a conhecer; admira-se pois que tão poucos Americanos inglezes para ali viagem, devendo Lisboa ser vista para ser apreciada como merece.

Uma simples descripção dará uma vaga idéa das suas bellezas: effectivamente ha poucas coisas a descrever, porque Lisboa é pobre em monumentos.

Podemo-nos deleitar com as bellezas do vasto Tejo, em que não abundam muito os navios das differentes nacionalidades, apenas se vê aqui e ali navegar algum navio de vela ou a vapôr, o que denota não haver grande numero de ancoradouros e pouco commercio; comtudo vêem-se ruas de bastante movimento commercial, como a rua Aurea, onde predominam tentadoras obras de ourivesaria, e que termina n'uma grandiosa praça á beira mar denominada Praça do Commercio. Encontram-se tambem lindos passeios e parques revestindo os cumes de alguns dos muitos elevados outeiros sobre que Lisboa é edificada; mas as construcções architectonicas não se notam á primeira vista. Desde 1755, anno em que a cidade ficou completamente destruida pelo terrivel terremoto, tem havido poucos distinctos architectos em Portugal, e ainda menos constructores de merito. Ha cento e cincoenta annos que Lisboa devia ter possuido bastantes edificios notaveis; comtudo, pelos poucos exemplares architectonicos que o terramoto poupou, merece a pena visitar se esta cidade.

Na parte baixa da cidade, onde foram mais desastrosos os effeitos do terramoto, está a cathedral: a sua fachada principal é, pela sua especial construcção, com duas torres quadradas sobre o frontespicio, de consideravel altura e simplicidade, sendo a parte interna mais notavel pela sua disposição, do que por sua architectura. Na verdade, esta cathedral é interessante pela forma do plano.

É necessario considerar que este edificio foi começado sob a influencia *ingleza*, por causa do seu primeiro bispo, de Salisbury. A cathedral foi construida em 1147, e tem soffrido muito com os repetidos tremores de terra, destruindo se quasi todas as suas principaes partes, excepto as torres e uma parte do absis, sendo reedificada em muitos periodos differentes; e o seu original caracter gothico tem sido inteiramente alterado, com as obras

do renascimento; todavia têm sempre conservado a mesma disposição do plano.

De todas as igrejas que se encontram em Portugal, é esta, cujo plano mais se approxima ao perfeito typo gothico, sendo semelhante ao que existe em França. Realmente não ha em Portugal outro exemplar de igual importancia, que tenha um absis com o desenvolvimento perfeitamente circular e ornado com capellas vistosas.

Lisboa está edificada ao longo da margem direita do Tejo, na extensão de sete milhas approximadamente.

A parte mais occidental da cidade, conhecida por suburbios de Belem, possui uma obra que é digna de um estudo particular, não só por ser o melhor monumento de architectura de Lisboa, como tambem por ser a mais característica producção architectonica do paiz.

No seculo xv, existia em Belem uma ermida muito antiga e modesta. Quando Vasco da Gama estava para partir em descobrimento das nossas terras, no que tanto immortalizou o seu nome, foi ali implorar a protecção da Virgem, e o infante D. Henrique, que estava para o acompanhar na sua perigosa travessia, fez um voto, de que, se a empreza tivesse o resultado desejado, elle construiria no mesmo sitio, onde existia a ermida, uma igreja que excederia todas as outras em negligencia.

Dois annos depois, em cumprimento d'este voto, foi então começada por el-rei D. Manoel a presente igreja de Belem.

Foi tambem construido um convento que foi occupado pelos monges de S. Jeronymo.

O desenho é INTEIRAMENTE PORTUGUEZ EM TODOS OS SEUS DETALHES, e não se encontra, tanto por dentro como por fóra, qualquer signal que indique *ter havido influencia alguma estrangeira*. A este respeito é quasi unico na sua especie, pois que a maior parte dos edificios portuguezes, tanto civis como religiosos, foram delineados por estrangeiros, ou então modificados por associações estrangeiras, o que faz com que a verdadeira tendencia architectonica da nação seja imperfeitamente representada. Jámais os portuguezes tiveram uma tão genuína inspiração como a que se admira aqui.

Seria bastante para desejar, que se pudesse investigar quaes os antecedentes d'este desenho, e vêr como foi extrahido da architectura contemporanea d'outros povos; mas os documentos desapareceram e os dezoito terremotos que em varias occasiões tem visitado Lisboa, destruíram inteiramente todos os vestigios d'alguns edificios locais que podessem ter preparado o caminho para um desenho tão rico e abundante em idéas como este.

O systema geral pôde considerar-se como gothico do seculo xiii; comtudo em nenhum outro

paiz foi o *gothico* tratado d'uma maneira tão florida e phantastica.

Os detalhes tanto de esculptura como d'ornamentação são positivamente do Renascimento; pelo modo do remate do edificio e floridas cornijas assim como pela disposição das bellas janellas tendo ornatos contrapostos com o apparelho das paredes planas, o uso adoptado da luz vertical produz pronunciadas sombras. A forma quasi plastica do desenho prova á evidencia que os Mouros deixaram em Portugal bastante influencia da sua arte, como em Hespanha. Dizer que o desenho era Gothico, no seu systema geral; que parecia do Renascimento nos detalhes, e Mourisco no caracter, é quasi uma cousa impossivel de se provar e comtudo é esta exactamente a impressão que a igreja de Belem deixa no espirito de qualquer observador; comtudo com esta variada modificação, aquella composição gothica do Renascimento e Mourisco não existe tal qual em parte alguma; senão como pontos suggestivos de um desenho inteiramente conforme como este estylo portuguez; como se nota ser a Santa Capella de Paris, estylo francez, ou a capella de Gioto, estylo italiano.

A igreja é coberta por tres linhas de aboboda, de construcção tão ousada que a sua projecção sobre papel quasi parece ser impraticavel na execução. Realmente d'esta maneira a abobada cahiu logo depois de ser construida, e a historia diz-nos que havia o architecto delineado um plano de tão pouca confiança que nenhum operario poderia ser obrigado a tomar conta da sua reedificação. A abobada foi finalmente acabada pelos *criminosos condemnados á morte*, aos quaes seria concedido o perdão, se por ventura escapassem.

A obra só teve exito pela segunda vez que foi construida, e sustentou se tão bem que, apesar da igreja ser violentamente abalada pelo grande terremoto, nenhuma pedra se deslocou. E' duvidoso, que, sendo os francezes bons constructores como eram, podessem construir uma abobada que fosse capaz de resistir a uma tão violenta prova como aconteceu a esta que existe em Belem. Sómente em desenho se poderá dar uma idéa approximada da disposição d'esta abobada, que é semelhante á abobada em fórma de leque, construida na capella de Henrique viii em Westminster, com a differença que os *leques* aqui não são tangentes, e formam completos circuitos em volta dos pequenos pilares; enquanto que na capella Inglesa a abobada tem toda a vantagem da resistencia por ficar apoiada por uma grossa parede continua. As columnas que servem d'apoio em Belem tem vinte e cinco metros d'altura até á nascença da abobada, e metro e meio pouco mais ou menos de diametro.

Os claustros ficam logo ao norte da igreja, e são

do mesmo estylo, mas com detalhes d'um caracter mais pronunciado do Renascimento, que parecem indicar que foram construidos depois de 1500, anno em que a igreja foi começada. Os claustros do segundo andar estão incompletos, falfam-lhes umas pequenas columnas torcidas e curiosas, os seguintes dos arcos tornam a parte mais baixa mui interessante. As restaurações têm progredido agora e como é uma simples questão de repetição de detalhes que já existem, os claustros ainda hão de apresentar todo o pittoresco interesse do original primitivo.

(Continua).

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 79

No anno de 1875 publicámos no tomo 1, n.º 6, do *Boletim* da nossa associação, pag. 91, a interessante descoberta de uma necropole romana em Alcacer do Sal, dando uma estampa colorida que representava a pintura da maior urna cineraria, que ali se tinha encontrado; e mencionavamos igualmente os raros objectos archeologicos em metal que estavam no mesmo local, taes como: freios de ferro, admiraveis folhas de espadas com punhos de bronze cinzeladas, lanças de ferro, fibulas de bronze, vasos *lacrimatorios*, lampâdas mortuarias de barro, moedas, etc., etc.; assim como uma curiosa e rarissima mascara de barro, *colorida em estuque polido*, da qual publicamos tambem depois a photographia no n.º 13 do referido *Boletim* no anno de 1876.

Todas estas antiguidades romanas estiveram em meu poder, pois que havia proposto ao proprietario de as adquirir para o Museu do Carmo da nossa Associação, o que nos proporcionou a occasião de tirar a copia não sómente da grande urna, como o cliché da mascara; porém, outra offerta mais elevada por outra pessoa frustrou a aquisição. Todavia, dei conhecimento ás associações archeologicas estrangeiras, de tão importante descobrimento feito no territorio de Portugal; mas nunca mais se fallou d'este achado.

Passados 5 annos, quando houve o congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica em Lisboa; tendo vindo á capital com outros distinctos archeologos francezes o afamado Mr. E. Cartailhac, encarregado pelo seu governo de fazer investigações archeologicas em Portugal, paiz ainda pouco explorado nos estudos prehistoricos, e havendo este sabio alcançado do nosso governo todas as facilidades para realisar os convenientes resultados de suas scientificas investigações, tão bom exito obteve, que descobriu nas cavernas artificiaes d'Almada vasos de superior forma e esmerada execução sem terem sido

executados a torno, como ainda não se tinham encontrado em Portugal.

Desejando Mr. Cartailhac prestar mais outro importante serviço á sciencia archeologica, deu á luz uma muito erudita obra sobre as antiguidades archeologicas de Portugal e Hespanha, obra de grande merecimento que ultimamente (1886) foi publicada em Paris com o titulo de *Agès Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, illustrada de 500 esmeradas gravuras; e querendo dar um cabal conhecimento dos mais importantes descobrimentos feitos em Portugal, dirigiu-me Mr. de Cartailhac, em 5 de março de 1885, uma carta com o seguinte pedido: «Voulez-vous me permettre de vous demander de rendre un grand service à la science? Vous avez «à Lisbonne... une caisse remplie d'objets en fer, «de medailles, de poteries trouvés auprès d'Alcacer do Sal. *J'ai pu voir un moment tous ces objets, ils ont une importance capitale pour l'Europe entière.* Je n'ai pas osé demander la permission de rien dessiner et le déplore. Je suis dans «l'impression de mon livre juste à l'endroit où il «me faudrait parler de ces *magnifiques sabres, de ces mors de chevaux, de ces lances, etc.* Je suis «désespéré de ne pas avoir le dessin de quelques types, vous rendriez mon livre plus complet et je vous remercierai publiquement. Je vous «assure que la *renommée archéologique du Portugal* en tirerait un tel bénéfice, que je vous «demande d'aller, au besoin, solliciter l'ordre de sa «*magesté, votre Roi*».

No intuito de prestar serviço á sciencia, e mui principalmente ao meu paiz com uma tão notavel noticia d'este thesouro, que lhe grangearia dos sabios uma fama assaz lisongeira, não hesitei em concorrer para ser esse achado conhecido no mundo.

Tomei o conselho proposto pelo archeologo francez, alcançando d'el-rei o Sr. D. Fernando a auctorisação para me serem franqueados os citados objectos da necropole de Alcacer do Sal.

Acompanhado pelo habil photographo Rocchini, fui ao local onde estava o caixote. Despregado na nossa presença e dos serventes necessarios para esse trabalho, fiquei surprehendido de não achar os objectos raros de ferro e de bronze! Indagando se haveria outro caixote em que elles estivessem, me foi respondido não haver nada mais procedente de Alcacer do Sal!

Afim de satisfazer ao pedido do meu estimado confrade, dispuz os objectos encontrados e d'elles tirou-se um cliché, o qual representa a estampa d'este numero; pois que, além d'esta vista fazer parte das outras antiguidades que teriam dado tão subida importancia scientifica ao nosso paiz, tambem completava a publicação já feita, dando agora o de-

BOLETIM

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.



PORTUGAL

NÉCROPOLE DE ALCACER DO SAL

Idade do ferro

Estampa 79

senho completo das urnas cinerarias, que tinha sido publicado no n.º 6 do tomo I, sómente o desenvolvimento em superficie plana do assumpto com as figuras coloridas. Vinha a ficar, por este modo, mais conhecida a grandeza e a forma que tinham essas urnas romanas, assim como a disposição das figuras.

Foi grande perda a dos outros objectos, e todos os homens de sciencia a lastimaram, porque ainda não se tinham achado objectos da 1.ª idade de ferro tão característicos, como os de Alcacer do Sal, por pertencerem, pelo menos, ao III seculo; quando sómente na Grecia se tinham descoberto outros semelhantes, do IV seculo, e em Italia, do V seculo de J. C.

J. DA SILVA

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Descobertas recentes de monumentos megalithicos na Russia Meridional

Tendo em 1886 apprehendido o archeologo russo Mr. Felitzin, investigações nos districtos de Maikop e de Batalpadchinsk ao noroeste do Caucaso, fez descobertas muito importantes de *dois grandes cemiterios compostos de Dolmens*, de remota antiguidade. Cada um d'estes cemiterios contém até cem monumentos, apresentando necropoles inteiras! Alguns conservam ainda o seu typo primitivo. Os Dolmens são designados pelos habitantes actuaes com a denominação de *Casas dos Valentes*. Geralmente têm a forma d'uma especie de grandioso cofre de pedra, formado por quatro enormes lousas, preparadas de uma maneira primitiva, pesando pelo menos 4:000 kilogrammas cada uma.

Estas pedras estão collocadas verticalmente e cobertas por uma quinta pedra, deixando um reborço em contorno, e tendo um pequeno buraco circular na pedra da frente, que serve de entrada. Alguns d'estes monumentos estão postos sómente sobre o solo; outros ficam collocados sobre outeirinhos artificiaes de diversas alturas; uma terceira categoria está metade soterrada; ha mesmo alguns que parecem estarem escondidos no terreno, de maneira que a superficie superior fica unicamente visivel pela lousa superior.

Estes Dolmens ficam dispostos por grupos de 3, 5 e 7, representando uns, no seguimento dos outros, alinhamentos assaz regulares. Alguns estão rodeados de pedras postas ao alto; junto a outros, principalmente d'aquelles que se encontram sobre os outeirinhos, estão renques de pedras, juntas umas ás outras formando especies de galerias que conduzem á entrada dos Dolmens.

Além d'estes cemiterios de Dolmens o referido

archeologo achou os vestigios de extensas fileiras de pedras erguidas no comprimento perto de um kilometro com pequenos intervallos entre si na direcção do sul ao norte; semelhantes aos Cromlechs de Inglaterra, das Indias e das margens do Mediterraneo.

As excavações d'esses monumentos deram sempre em resultado esqueletos humanos, sílex, vasos de barro de diferentes formas, com ornamentação característica da idade do bronze; algumas vezes flechas de bronze, fivellas, aneis e pequenas perolas do mesmo metal. N'um dos Dolmens havia uma espada romana e uma moeda bosphoriana da era 215 de J. C.

Outro havia servido para sepultura de 15 cadáveres, estando todos assentados. Esta maneira de collocar os cadáveres foi sempre encontrada em todos os monumentos investigados. Ao lado dos esqueletos humanos muitas vezes apparecem ossos de diversos animaes domesticos, cães, cavallos, carneiros, etc.

Notou Mr. Felitzin, que os Dolmens nos quaes tinha feito as suas investigações, todos apresentavam o aspecto commum aos mesmos monumentos encontrados na Africa e nas Indias, assimilhando-se mais com as construcções megalithicas de Inglaterra, Dinamarca e península Scandinava. Isto provaria, conforme a opinião do archeologo russo, mais um dado para se suppôr que as peregrinações de muitos dos povos vindos da Asia Central, seguiram o caminho do Caucaso e não dos Oural e do Volga. É evidente que as populações constructoras dos Dolmens passaram das margens orientaes do mar Negro, para as septentrionaes, onde a costa da Criméa apresenta uma serie de monumentos do mesmo genero. Foi n'estes dois paizes que se encontraram os Dolmens. Os do lado meridional da Criméa foram descobertos primeiramente por André Fabre, membro da sociedade de historia e antiguidades de Odessa em 1818. Estabeleceu elle, n'essa mesma época, a semelhança d'estes monumentos com os Dolmens dos arredores de Genebra.

Em 1845, mr. Felitzin teve occasião de ver os Dolmens indicados por Fabre. Havia 7 proximo de Yalta, Districto da Costa. Tudo que refere Mr. Felitzin a respeito dos Dolmens caucasicos, recentemente descobertos, está d'accordo com os exemplares da Criméa. Estes têm tambem sobre o solo as mesas enormes, cofres formados de quatro lousas, de origem primitiva, com o comprimento, alguns, de 4 metros, e cobertos por uma 5.ª lousa de forma irregular. Alguns d'estes monumentos estão inteiramente fóra do solo, porém outros apparecem soterrados. Todos apresentam, como no Caucaso, vestigios da mais remota antiguidade, e foram

investigados e desmanchados ha muitos seculos. Do interior dos tumulos deviam ter despojado os cadaveres, porque todos estão cheios de entulho e de nenhuma terra vegetal. Outro facto que chamou a attenção dos archeologos foi a differente grandeza dos Dolmens da Criméa. Ha construcções do comprimento de 4 metros, e outras que não têm mais de 1 metro e 33 centimetros, de largura 80 centimetros e altura 63; mas os cadaveres não seriam enterrados, ficando deitados ao comprido, e sem duvida collocados, ficando sentados; da mesma maneira como se verificou no Caucaso.

Na *Ethnographia dos povos da Europa antes de Jesus Christo*, Mr. Ch. Stern, da Academia Real da Belgica estabelece com aceitaveis dados a dupla direcção, em que tiveram logar as imigrações da Asia central. A corrente septentrional devia passar o mar Caspio na direcção do Volga, e a meridional devia d'Arménia avançar para o Hellesponto e chegar á Europa pelo Propontide. O mesmo sabio estabelece igualmente uma terceira corrente média; partindo das margens do mar Caspio para o Sudoeste e chegando em frente da Criméa para o Noroeste, ás margens da Scandinava e da Chersonesia Cimbrica. Já a sciencia alcançara em 1872 as mesmas conclusões que obteve o mais recente explorador dos Dolmens caucasicos.

J. DA SILVA.

RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

CAPITULO I

Principios da arte christã no Occidente

PRIMEIRO PERIODO

(Continuação)

Encontram-se nos tumulos dos fieis: tecidos d'ouro, aneis, brancelletes e bijoterias, brinquedos de creança, relicarios portateis, vasos de vidro ou d'argila collocados ordinariamente perto das cabeças dos cadaveres, instrumentos de supplicio.

Vasos de sangue. Entre os signaes certos do martyr o principal é o vaso de vidro ou d'argila, que serviu para recolher o *sangue do martyr*, collocado dentro do tumulo, ou no exterior do nicho sepulchral.

Objectos collocados no exterior do tumulo. Entre estes objectos, uns são executados pela mão do homem, outros não o são. Podem classificar-se, na primeira cathegoria, os *baixos relêvos*, as estatuetas, os pequenos *bustos*, e os fragmentos de esculturas em pedra e em marmore, os cacos de louça, os fragmentos de *vasos de crystal* e de *vidro esmaltado* e *dourado*, os prismas e as pequenas *placas de mosaico*, os aneis, os collares, os brancelletes, e um grande numero d'outros objectos de *toi-*

lette feminino, d'ambar, ouro, marfim e nacar, os brinquedos de creança, as folhas de taboa de escrever, as placas de bronze, as guarnições e os ornamentos para portas e cadeiras, d'ouro, marfim, bronze e ferro, os camapheus, as moedas e as medalhas, os utensilios de cosinha; n'uma palavra, tudo desde o objecto mais ordinario até ás joias mais preciosas.

Encontram-se tambem fragmentos brutos de toda a especie de substancias, os mais diversos objectos naturaes e os mais extravagantes; pedaços de tufo, estilhaços de pedra ou de tijolo, carôços de fructos, folhas d'arvore ou de planta, dentes e ossos d'animaes, caracoes, cascas de mexilhão e d'ôstra, conchas, etc.

Estes objectos fixos ao cimento, eram dispostos de maneira que podessem desenhar figuras de que facilmente se podesse fazer idéa.

Outros monumentos christãos dos tres primeiros seculos além das catacumbas. Occupar-nos-hemos dos edificios religiosos construidos sobre a terra, dos cemiterios construidos ao ar livre, dos paramentos sagrados e dos instrumentos do culto, anteriores á abjuração de Constantino.

Sabemos por documentos historicos que muitas pessoas abastadas tinham em seus palacios oratorios onde os soberanos Pontifices vinham celebrar os Santos Mystérios na presença da multidão dos fieis. Muitos d'estes oratorios foram substituidos, depois da abjuração de Constantino, por basilicas, ás quaes deram o nome das pessoas piedosas que haviam cedido á egreja o direito de propriedade; e se mais tarde estas pessoas ficavam consideradas no numero dos Santos, estas basilicas eram-lhes dedicadas.

A mais remota menção d'um templo christão data do tempo de Alexandre Severo, que foi imperador desde 222 até 235.

Não é conhecida a fôrma nem a distribuição interior d'estas primitivas egrejas.

Os unicos monumentos notaveis dos tres primeiros seculos, até hoje conhecidos, são as *cellas* dos cemiterios, ás quaes se deu tambem o nome de *basilicas*, desde o principio do iv seculo.

Estes pequenos edificios, construidos nos cemiterios, serviam para ponto de reunião dos fieis.

Cemiterios ao ar livre. As sepulturas christãs foram estabelecidas, desde o principio, ao ar livre.

Estes cemiterios, designados em geral pelo nome de *d'areae*¹ eram, do mesmo modo que as catacumbas, situados fóra das portas das cidades; porque as leis romanas prohibiam severamente as inhumações dentro dos muros.

Depositavam-se os cadaveres, quer em simples

¹ Tinha a mesma designação quecriptae cometeria.

fóssas, algumas vezes revestidas interiormente de tijolos e de lages, quer em pias de pedra, ou caixões de madeira mettidos debaixo da terra. As paredes dos tumulos mais ricos eram, dadas certas circumstancias, rebocadas de argamassa, ou estucadas e decoradas com pinturas *a fresco*, semelhantes ás das galerias e capellas sepulchraes das das catacumbas.

Paramentos e objectos do culto. Parece certo

que, durante os primeiros seculos, os paramentos sagrados não se differencavam dos fatos ordinarios, nem pela fórma nem pelo talhe.

Do mesmo modo que aproveitavam para os sagrados paramentos as fórmas e os pannos dos fatos ordinarios, assim tambem aproveitavam para o serviço dos altares os vasos ricos e preciosos que haviam servido aos usos profanos.

(Continua).

POSSIDONIO DA SILVA.

ERRATA

Convem fazer rectificação de um termo com que foi explicada a estampa n.º 48 do n.º 1.º do Boletim, Tomo III, pag. 8 e 9, linhas 23 e 9. Revendo este volume notei que o termo *gravura* tinha sido inadvertidamente applicado para explicar o genero de trabalho do original pertencente ao bellissimo livro de Horas que possuia el-rei o Sr. D. Fernando; quando essa palavra deveria ser *iluminura*, como é mui facil de verificar, examinando-se o trabalho da reproducção d'essa estampa.

J. DA SILVA.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

Resultado das eleições da Assembléa Geral da Real Associação dos Architectos e Archeologos portugueses em 19 de dezembro de 1886, para o exercicio do anno de 1887.

ASSEMBLÉA GERAL

Presidente, Joaquim Possidonio Narcizo da Silva — *Vice-presidente*, (architectura) Valentim José Correia — (archeologia) Visconde de S. Januario — *Secretario*, (architectura) D. José de Saldanha Oliveirae Sousa — *Vice-secretario*, Ernesto da Silva — *Secretario* (archeologia) Visconde de Alemquer — *Vice-secretario*, Visconde de Castilho — *Thesoureiro*, José da Cunha Porto — *Bibliothecario*, Conselheiro José Silvestre Ribeiro — *Conservadores*, Conselheiro Jorge Cesar Figueiredo e General Antonio Pedro d'Azevedo.

SECÇÃO D'ARCHITECTURA

Presidente, Valentim José Correia — *Secretario*, Antonio José Gaspar — *Delegado*, José Maria Caggiani — *Supplente*, Licinio N. Silva.

SECÇÃO D'ARCHEOLOGIA

Presidente, Ignacio de Vilhena Barbosa — *Secretario*, Zephyrino Brandão — *Delegado*, Carlos Munro — *Supplente*, Borges de Figueiredo.

SECÇÃO DE CONSTRUÇÃO

Presidente, General Antonio Pedro d'Azevedo — *Secretario*, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa — *Delegado*, Pinto Bastos — *Supplente*, Eduardo Dias.

A secção scientifica e artistica encarregada de formar a Assembléa ácerca das obras nacionaes e estrangeiras offerecidas á nossa Associação, ficou composta dos socios Visconde de Alemquer, Marquez de Vallada, Zephyrino Brandão, General Antonio Pedro de Azevedo e Borges de Figueiredo.

A benemerita Camara Municipal de Lisboa deliberou fundar tres premios da quantia de dois contos de réis para serem conferidos aos auctores dos projectos para edificações nobres que se construírem na capital, afim de animar os architectos nacionaes a produzirem obras artisticas de reconhecido merecimento.

Compoz um jury de seis architectos, dois pertencentes á referida camara, tres da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, e um eleito pela nossa Real Associação, e serão presididos pelo vereador.

Tendo-se procedido a essa escolha na sessão de 19 de Fevereiro, foi eleito o nosso digno presidente o sr. Joaquim Possidonio Narcizo da Silva. Na mesma sessão o mencionado presidente propoz que se louvasse o Municipio pela generosa protecção com que deseja dar impulso ao aperfeiçoamento das construcções no nosso paiz, e com reconhecimento dos nossos confrades se agradecesse tão illustrado e patriotico incentivo.

O distincto archeologo Americano Inglez Mr. Elmer Reynolds participou ter já entregado ao representante de Portugal em New York os caixotes com a interessante collecção de 1250 objectos prehistoricos que offereceu para o museu da nossa Associação, informando que no mez de Maio proximo enviaria outros objectos tambem de interesse scientifico, entre os quaes sementes de arvores desconhecidas em Portugal, afim de ver se poderão vegetar no nosso solo. São importantes e generosos os serviços que deixarão vinculado o nome de tão acreditado sabio nos annaes do Museu Archeologico de Lisboa.

O curso de archeologia, tanto da primeira como da segunda parte no anno findo de 1886, fez alcançar a quatro estudantes ficarem laureados com os premios pecuniarios. Outros saíram approvados.

Sempre perseverante no proposito de se divulgarem os conhecimentos archeologicos em Portugal, o nosso prezado presidente, o sr. Possidonio da Silva está publicando mais uma obra de bastante utilidade, afim de se conservarem os objectos do culto; assim como evitarem se indesculpaveis erros nas restaurações dos edificios religiosos. Enviou já a 2:000 parochos do reino o 1.º fasciculo d'essa obra que se intitula RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ. E' de suppôr que correspondam a este louvavel empenho, visto a maneira como esta publicação se pode adquirir.

Chegou a occasião de se compôr a inscripção antiga junto ao portal do Museu do Carmo, que havia sido mutilada quando a camara mandou construir os degraus para desaffrontar as columnas do frontespicio, em que a calçada da rua occultava um terço do fuste, porque o pedreiro que assentou o pilar do lado do norte imitou o que havia praticado do lado do sul da escada, encaixando o pilar na cantaria do edificio, o que não importava vandalismo, pois n'esse logar não havia nenhuma inscripção.

A digna Camara, tomando em consideração o pedido da nossa Associação, deu-lhe parte que se ia proceder áquelle reparo para a incripção ficar inteiramente visivel, o que merecerá os louvores de todos os archeologos nacionaes e estrangeiros.

NOTICIARIO

Em Algeria o dr. Vercontre fez investigações archeologicas proximo de Tunis em uma necropole. Encontrou sepulturas onde estavam cadaveres mettidos dentro de *duas jarras conicas* collocadas bocca com bocca. São numerosas e indicam remota antiguidade.

Em Argel exploram novamente as ruinas que já foram descobertas, que se julgam pertencerem a thermas; havendo-se encontrado estatuas que parecem representar divindades.

Ficou constituida a mesa para este anno no Instituto de França para a Academia de Bellas Artes: Mr. Champlain, presidente; Mr. Bonnat, vice-presidente. Mr. visconde de Laborde é o secretario perpetuo.

O governo francez determinou que seria obrigatorio para qualquer *construção nova* tirar licença da commissão de hygiene, e tambem alcançar licença para se habitar ou alugar uma *casa nova*: resolução esta de reconhecida utilidade publica. Bom seria que fosse tambem adoptada em Lisboa tão sensata providencia.

Vão começar as obras para a reedificação do Alcazar de Toledo. Calcula-se a importancia em um milhão de pesetas. Em Hespanha não deixam para as kalendas gregas as restaurações dos seus monumentos.

Segundo o novo regulamento, a inspecção de Paris é composta de CINCO architectos de PRIMEIRA CLASSE, e cinco de segunda, além do architecto inspector geral; ficando divididas as suas obrigações da maneira seguinte: 1.º circulação na via publica e *salubridade*; 2.º examinar as casas por causa dos *incendios*; construcções das paredes, *segurança dos andaimes e bailões*; 3.º visitar os *theatros*, salas para bailes, *escriptorios* de creados e creadas, *padarias*, casas de banhos, *barracas* e estabelecimentos nas *feiras*, depositos de *materias feccae e latrinas*.

Quando haverá em Portugal essa tão urgente inspecção?

O governo da Grecia concedeu licença para que o governo francez podesse emprender escavações em Delphos. Não se ignora que eram em Delphos, assim como em Olympia, os mais importantes sanctuarios da antiga Grecia, e que pelas offertas dos soberanos e das pessoas opulentas se formou alli um museu que não tinha outro que se lhe podesse comparar pela sua importancia artistica e riqueza. O solo está ainda quasi no seu estado primitivo, e os archeologos são concordes que se encontrará um thesouro importante para a arte e para a historia.

Todas as nações civilisadas se esmeram por adquirir essas antiguidades de outras eras, embora já tenham praticado interessantes escavações; em quanto no nosso paiz uma unica de reconhecida importancia historia se deixa quasi desprezada e infructifera para os estudos archeologicos pela indifferença que estas uteis investigações merecem ainda no nosso paiz! E' certamente para lamentar!

O intelligente architecto hespanhol encarregado da restauração da celebre cathedral de Sevilha, deseja obter *quatorze operarios canteiros portuguezes*, para as importantes obras d'aquelle monumento. E' lisongeiro para os operarios nacionaes essa preferencia, porque se reconhece a sua mestria em obras de seu officio, assim como é para agradecer a escolha do digno architecto que deseja ter habeis officiaes para o esmero d'essa restauração, não hesitando em os pedir a esta nação amiga.

Em umas escavações feitas nas ruinas do castello de Alvor, povoação proximo de Lagos, foi encontrado um cefre contendo um missal, escripto em pergaminho, delicadas illuminuras e algumas moedas de ouro do reinado de D. João II de Portugal.

Nas immediações de Vich descobriu-se uma preciosa capella byzantina com o seu competente claustro, a qual servia de habitação a uma familia de lavradores d'aquella localidade.

As paredes e muros da casa contêm grandes bellezas artisticas, que se patentearão com as obras de restauração, que em breve vão ter logar.